

## **MANUAL DA BOA AGOA ARDENTE: ESTÍMULO, PRODUÇÃO E CONSUMO DE CACHAÇA NA AMÉRICA PORTUGUESA (SÉCULO XVIII)**

Ana Paula Barco da Silva (PIC/UEM), Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), e-mail: apaulabarcosilva@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

**Área: Ciências Humanas. Subárea: História.**

**Palavras-chave:** cachaça, alambique, século setecentista.

### **Resumo:**

A partir desta pesquisa analisamos a produção de aguardente da cana de açúcar na América Portuguesa do século XVIII. A fonte estudada foi uma memória escrita por um luso brasileiro chamado João Manso Pereira, intitulada “*Memoria sobre a Reforma dos Alambiques ou de hum Proprio para a Distillação das Águas Ardentes*”. Visto que no período setecentista havia uma forte influência do iluminismo, sua filosofia natural e por meio desta é publicado na Casa Literária Arco do Cego, que publica uma série de obras sobre as artes, a agricultura, a manufatura, medicina, náutica de Portugal e sua respectiva colônia americana. A obra traz ilustrações de componentes de alambiques, na tentativa de melhorar a produção desta bebida destilada por meio de traduções de obras estrangeiras. Além disso, é abordado sobre as formas que a população luso brasileira fazia o uso da cachaça.

### **Introdução**

No século XVIII, o continente europeu encontrava-se agitado por conta do iluminismo. As correntes ilustradas se expandem, campos dos saberes começam a ser explorados, há uma mudança na concepção de Estado. No movimento ilustrado português, os ministros da Coroa tentam manter o Antigo Regime sem deixar de fazer investimentos nas letras, artes e ciências. Uma forma seria através da propagação de obras acadêmicas e literárias traduzidas a partir de obras estrangeiras. Estas seriam distribuídas nas colônias (em especial a América portuguesa) para que ajudassem na implementação e sofisticação do beneficiamento e produção de itens mercantis. Tais obras, reproduzidas na oficina literária Arco do Cego (em Lisboa), eram também chamadas de memórias.

Um dos hábitos que se popularizam nesse período, com o ciclo do ouro, foi o consumo da cachaça. A bebida para ser destilada precisava do alambique, instrumento essencial para sua fabricação, bem como aumentar o ritmo de sua produção. Na tentativa de ajudar os mestres aguardentes, o químico João Manso Pereira publica uma memória com técnicas na melhoria da aguardente e do alambique. Esta, utilizada por diversas camadas da sociedade brasileira. O que implicou, por alguns momentos, no incentivo de seu consumo e, em outros, proibições vindas da Coroa Portuguesa.

## Materiais e métodos

João Manso Pereira, autor da Memória sobre a Agua Ardente, era natural da América Portuguesa. Natural da Capitania das Minas Gerais nasceu antes de 1750 em Minas Gerais e faleceu com mais de 70 anos em 1820, foi um professor de gramática, influenciado pela química que se estabelecia naquele período. Era autodidata, tinha domínios em muitas línguas. Durante o período de 1797 a 1805, publicou cinco obras na casa literária Arco do Cego (FILGUEIRAS,1993). A história da aguardente, segundo Avelar (2010), permite apreender o quanto a bebida participa do processo histórico e da sociedade que a cerca. Esta controversa bebida recreativa, ao tornar-se objeto do historiador, possibilita o vislumbre da organização, desenvolvimento e transformação nas mais diversas relações entre os agentes sociais do período estudado.

## Resultados e Discussão

Com as movimentações revolucionárias que haviam na França, o ministro da marinha, no século XVIII, buscava alternativas que mantivessem a soberania portuguesa, por meio de reformas na economia para reestabelecer o déficit que se passava em Portugal. A casa literária Arco do Cego foi, aos poucos, mudando e tornou-se parte da intelectualidade da América Portuguesa. A maioria dos estudiosos, tradutores e compositores da oficina tipográfica eram oriundos da Colônia. Um dos principais motivos para o Arco do Cego durar apenas de 1799 a 1801, estava em demandar grandes quantias de investimento da Coroa Portuguesa, sobretudo em suas produções.

O alambique surgiu conforme os engenhos brasileiros foram ganhando espaço na América portuguesa. Esse engenho especializado em produzir cachaça passou de coadjuvante a protagonista da economia em várias regiões da Colônia, visto que houve uma queda na produção do açúcar por conta da diminuição do consumo na Europa e na concorrência com as Antilhas.

O consumo da cachaça na Colônia, especial na Capitania das Minas Gerais, e mais especificamente por escravos, sempre esteve presente, desde o

início da colonização, assim como nos conflitos para construção de engenhos destinados à produção da bebida (GUIMARÃES, 2005, p.99). Ao nos debruçarmos sobre o tema cachaça, considerada um refúgio da vida cotidiana, observamos que os colonos tinham, nesta bebida alcoólica, uma fonte de prazeres e, ironicamente, revoltas.

## Conclusões

Por meio de fontes documentais como a “Memoria sobre a Reforma dos Alambiques ou de hum Proprio para a Distillação das Águas Ardentes”, podemos ter uma ideia acerca da dinâmica de um bebida tão estimada pelos brasileiros. Abordar a história da alimentação, e mais especificamente da cachaça e suas respectivas funções, nos possibilita traçar uma relevante história das proibições e incentivos que envolvem esta bebida e, conseqüentemente refletir esta como um sujeito histórico.

## Agradecimentos

Agradeço a minha família e ao meu professor orientador por terem me auxiliado na pesquisa.

## Referências

AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi Avelar. **A moderação em excesso: estudo sobre a história das bebidas na sociedade colonial**. São Paulo, USP, 2010. (História, dissertação de Mestrado).

FILGUEIRAS, Carlos A.L. João Manso Pereira: Químico empírico no Brasil colonial. **Química Nova** Nº 16, Belo Horizonte, 1993.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Os quilombos, a noite e a aguardente nas Minas coloniais. In: **Álcool e drogas na história do Brasil**. Org :CARNEIRO, Henrique; VENÂNCIO, Renato Pinto. PUC Minas, São Paulo, 2005.

PEREIRA, J.M. **Memoria sobre a reforma dos alambiques ou de hum próprio para a distillação**. Lisboa: J. P. Correa da Silva, 1797.